

Interseções entre a historicidade da língua  
e a historicidade do texto  
sob a ótica das Tradições Discursivas



LaborHistórico

Volume 4 - Número 2 - jul./dez. 2018

# Sumário

<b>Apresentação</b>	10
---------------------	----

---

*Cleber Alves de Ataíde*  
*Valéria Severina Gomes*

## Dossiê Temático

<b><i>Como formar um público culto? Necrológio para a tradição discursiva Guia de Parque Zoológico</i></b>	13
--	----

---

*Iryna Gaman*  
*Konstanze Jungbluth*

<b><i>Cartas oficiais dos séculos XVIII e XIX: aspectos pragmáticos, textuais e linguísticos</i></b>	34
--	----

---

*Maria Cristina de Assis*  
*Maria das Graças Carvalho Ribeiro*

<b><i>Tradições discursivas em anúncios de fugitivos nos jornais do Recife</i></b>	48
--	----

---

*Ana Karine Pereira de Holanda Bastos*

<b><i>O anúncio publicitário na escatologia dos folhetos de cordel</i></b>	69
--	----

---

*Linduarte Pereira Rodrigues*

<b><i>Um estudo das formas verbais imperativas em cartas pessoais dos séculos XIX e XX</i></b>	81
--	----

---

*Aldeir Gomes da Silva*

# Varia

*A variação diatópica dos pronomes pessoais Tu e Você  
em cartas de amor do sertão pernambucano do século XX* 92

---

*Cleber Alves de Ataíde  
Tallys Júlio Souza Lima*

*Variação sociolinguística e dialetológica: um estudo contrastivo entre Cuiabá e Covilhã* 104

---

*Jussara Maria Pettenon Dallemole  
Paulo Osório  
Maria de Jesus Carvalho Patatas*

*Toponímia menor e conservadorismo lingüístico:  
algúns exemplos contemporâneos da cidade da Coruña* 135

---

*Xosé Manuel Sánchez Rei*

## Como formar um público culto? Necrológio para a tradição discursiva *Guia de Parque Zoológico*

*How to form cultivated and refined visitors?  
Bidding farewell to the discourse tradition Guide of the Zoological Garden*

Recebido em 03 de julho de 2018. | Aprovado em 04 de agosto de 2018.

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v4i2.17495>

Iryna Gaman<sup>1</sup>  
Konstanze Jungbluth<sup>2</sup>

**Resumo:** A pesquisa da tradição discursiva *Guia de Parque Zoológico*, ao longo de duzentos anos, permite acompanhar de perto como os cientistas-autores formaram um público culto leitor. Enquanto os primeiros textos publicados na Alemanha mostram o uso de um léxico cotidiano e de uma gramática simples, os textos mais novos revelam termos técnicos específicos e uma morfossintaxe complexa. O presente artigo desenvolve a história da tradição discursiva *Guia de Parque Zoológico* e a mudança do discurso entre especialistas e leigos. Essa tradição discursiva é ainda escassamente pesquisada. Com a mudança do milênio, ela está caindo gradualmente em desuso, a favor de um crescimento da prestação de serviços, da orientação e da informação por meio da informática.

**Palavras-chave:** Tradição discursiva; Gênero; Guia; Fala culta; Linguagem científica.

**Abstract:** The research on the history of the discourse tradition *Zoo Guide* allows to answer the question how the scientific authors managed to form their readers, e.g. to build up a cultivated and refined public over time. Comparing the first guides published in Germany with the most recent ones, we observe a change in the use of vocabulary and grammar. While the texts published in the beginning of the 19th century combine common and every-day words and a simple grammar, the most recent guides show technical sometimes even scientific vocabulary and a complex morphosyntactic structure. This discourse tradition is severely understudied. Since the change of the millennium the discourse tradition *Zoo Guide* is undergoing a radical change dropping out of use as the services of orientation and information for the visitors of zoological gardens are now solved by the virtual world and modern media.

**Keywords:** Discourse tradition; Genre; Guide; Pragmatics; Language of science.

---

<sup>1</sup> Doutoranda pela Europa-Universität Viadrina, em Frankfurt (Oder). Desenvolve pesquisas sobre Linguística Aplicada e Gêneros Textuais, particularmente os não literários. Atualmente é professora de Alemão como Língua Estrangeira no Instituto Politécnico de Kiev (KPI), em Kiev. [i.gaman@kpi.ua](mailto:i.gaman@kpi.ua).

<sup>2</sup> Doutora pela Universidade de Tübingen. É, desde 2007, Professora de Pragmática e Linguística Contrastiva na Europa-Universität Viadrina, em Frankfurt (Oder). Entre 1999 e 2003, coordenou, juntamente com Ataliba de Castilho (USP), o projeto ProBral I "Para a História do Português Brasileiro" e, desde 2015, coordena o projeto ProBral II "PhD co-tutelle Etnicidade em Movimento", junto com Mônica Savedra (UFF). [jungbluth@europa-uni.de](mailto:jungbluth@europa-uni.de).

## Introdução

O propósito desta pesquisa consiste em posicionar a tradição discursiva (TD) *Guia de Parque Zoológico* em seu contexto histórico, descrever a sua forma ao longo do tempo e as suas particularidades comparadas com outros guias, como, por exemplo, guias de visita a uma cidade, guias de teatro ou de ópera etc.

Com a criação do primeiro parque zoológico do mundo, em Viena, chamado *Tiergarten Schönbrunn*, 'Jardim dos Animais do Parque do Castelo Schönbrunn'<sup>3</sup>, fundado em 1752, aparece o primeiro guia de parque zoológico no ano 1799<sup>4</sup>. Essa data pode ser considerada como o início dessa TD.

Duzentos anos mais tarde, quase imperceptivelmente, a TD *Guia de Parque Zoológico* desaparece na virada do século, deixando o seu espaço comunicativo aos aplicativos (APPs) e outras formas de comunicação virtual como parte do processo de digitalização. Todas elas assumem boa parte da sua função de orientação e informação do visitante desses lugares espetaculares chamados parques zoológicos<sup>5</sup>.

Acompanhando a mudança da forma e dos procedimentos linguísticos usados pelos autores ao longo desses dois séculos, representando mais ou menos oito gerações, os leitores podem conhecer a prática social convencionalizada entre esses dois grupos desiguais, especialistas por um lado e leigos por outro. Os conhecimentos das ciências naturais, da Biologia, da Zoologia, ainda limitados aos especialistas no início do século XIX, começaram a ser divulgados a partir das fundações dos parques zoológicos, entre outras instituições destinadas a um público maior. Nesse contexto, a TD guia assumiu um papel importante. Como os autores especialistas fazem chegar ao público-leitor conhecimentos mais profundos?

Vale destacar desde o início que, tanto em português como em inglês e em alemão, a palavra guia, 'guide', 'Führer' é polissêmica e se refere tanto ao profissional que acompanha os visitantes para não perderem o caminho certo ao longo do passeio, como ao livro, por exemplo a TD *Guia de Parque Zoológico*. De fato, o livro oferece, de outra forma, uma orientação semelhante<sup>6</sup>. Apela para a imaginação do seu leitor, ao levá-lo a fazer uma viagem fictícia que se tornará verdadeira durante a sua visita. Propõe percursos com referência aos sinais do parque, indicando as direções. Assim pretende ajudar os visitantes com a orientação necessária para circular no espaço. Além disso, muitas vezes, inclui uma lista dos eventos mais espetaculares, como o horário da distribuição dos alimentos aos animais ou, por exemplo, o lugar do minizoológico. Adicionalmente, lembra as regras da instituição, entre elas as restrições de comportamento. Boa parte do livro passa a instrução do caminho, introduzindo as espécies mostradas no parque, as suas características, as suas peculiaridades e os seus comportamentos. Diversão e instrução andam de mãos dadas espelhando a ética cívica da classe, que, por vezes, é protagonista, como fundadora e dona, em forma de associação de patrocinadores ou acionistas, de muitos desses parques zoológicos.

Este artigo está dividido em três partes emolduradas pela introdução e a conclusão. A primeira parte tem a finalidade de desdobrar o contexto maior da cidade moderna como espetáculo, onde a TD *Guia de Parque Zoológico* torna a visita ao parque zoológico uma prática social importante na vida urbana. Fala também dos seus precursores, das coleções de animais ambulantes (desde 1750; ver RIEKE-MÜLLER; DITTRICH, 1999), das barracas exibindo animais selvagens nas feiras, das gaiolas de papagaios, entre outras aves coloridas, muitas vezes de origem tropical, e das jaulas de leões, macacos e outros animais selvagens. Todos esses estabelecimentos onde são mantidos animais vivos de espécies selvagens foram primeiramente instalados nos parques da nobreza. Alguns têm continuidade nos jardins públicos da cidade para exibição ao público até hoje em dia.

<sup>3</sup> O castelo representa a residência de veraneio da dinastia dos Habsburger.

<sup>4</sup> Foi um tempo de esplendor na Áustria. Viena formou-se como cidade capital e polo do império austríaco (a partir de 1804), transformando-se na dupla monarquia Austro-Húngara (1856-1918). A cidade se espalhou incorporando as aldeias vizinhas. A população cresceu consideravelmente. Formaram-se manufaturas que mais tarde se transformaram em núcleos industriais. O tempo de trabalho e o tempo de lazer separam-se. Os cidadãos, em grupo cada dia maior, buscaram lugares para se divertirem. O parque zoológico foi um desses lugares.

<sup>5</sup> Em 1884, o primeiro parque zoológico da península foi fundado em Lisboa, no bairro São Domingos de Benfica.

<sup>6</sup> Ver as informações em dicionários sobre a palavra guia 'Führer': 1) Livro que dá informações necessárias para a visita a um museu, a uma cidade ou semelhante (DUDEN, 2015). Deutsches Universal-Wörterbuch, 8ta ed. corrigida e ampliada sob a responsabilidade de Werner Scholze-Studenrecht e Ilka Pescheck. Berlin: Dudenverlag, p. 654). 2) Manual que descreve um lugar e dá orientações para a sua visita (Wörterbuch der deutschen Gegenwartssprache (1978). Vol. 2. Ed. por Ruth Klappenbach. Berlin, Akademie-Verlag, p. 1414.

Os exemplares da TD *Guia de Parque Zoológico* servem como manuais indicando ações concretas e informações relacionadas a esse âmbito e têm a finalidade de orientar os visitantes nesse espaço. Na segunda parte deste artigo, vamos apresentar, de um modo geral, a 'família' da TD *Guia*, explicando as suas características textuais e formais e as suas funções pragmáticas comuns, destacando ao mesmo momento as particularidades da TD *Guia de Parque Zoológico*. Na terceira parte, apresentamos os primeiros resultados da nossa pesquisa, ainda em plena marcha, sobre a TD *Guia de Parque Zoológico* em todos os seus aspetos: sócio-históricos, textuais, semânticos e formais.

Esperamos despertar o interesse dos nossos leitores para essa TD, ainda escassamente pesquisada, segundo sabemos. Será interessante aprofundar esse tema e comparar a situação da Alemanha e da Áustria com outros lugares como, por exemplo, o Brasil, a Argentina e outros países fora da Europa.

## 1. A cidade como espetáculo: o parque zoológico

Em muitos países os parques zoológicos são considerados como parte da marca dos polos mundanos. Os cidadãos veem com orgulho o seu parque zoológico, que se transforma em símbolo da cidade, fortalecendo, ao mesmo tempo, o seu sentimento de pertencimento (ver KLOTHMANN, 2015, p. 234). Como ponto de partida, tomamos duas citações literárias de trabalhos recentes que ajudam a posicionar o jardim zoológico dentro de um contexto maior da construção da cidade como espetáculo (ver FRITZSCHE, 1996, leyendo Berlin, capítulo 4, *The City as Spectacle*, p. 127-169).

Em sua última novela, a autora Olga Grjasnowa (2017) apresenta um médico da Síria namorado de uma francesa. Para os encontros na cidade de Paris, Hammoudi propõe a Claire ir ao cinema, a um restaurante, ao concerto, a uma exposição. «Mais tarde ele faz convites para ir ao planetário, ao parque zoológico, à piscina, e certo dia o seu não se tornou pouco a pouco um sim» (GRJASNOWA, 2017, p. 31; trad. KJ<sup>7</sup>). Achamos que esta lista basta para imaginar o espetáculo construído nas cidades europeias ao longo dos séculos XIX e XX. Depois da Revolução Francesa, Paris, durante muito tempo e em certa medida até hoje, é uma cidade de primeira referência na Europa e fora da Europa. O seu modelo prestigioso foi imitado em outras cidades do mundo inteiro. Embora o convite de visita ao parque zoológico dirija-se a um público-alvo geral, incluindo todas as idades, esse perfil de oferta faz a diferença, comparado com o concerto e muitos outros eventos mencionados, que são frequentados apenas pelos adultos.

De fato, as crianças sempre contavam como público-alvo importante entre os visitantes dos parques zoológicos. Vinte e cinco anos antes da novela citada, um compositor alemão compôs uma canção infantil com um refrão fácil de lembrar, dando ritmo às palavras «Gostamos de ir ao parque zoológico nos dias ensolarados de verão (Sommertagen) porque os animais lá estão ávidos para falar com as crianças (etwas sagen)» (JÖKER; BECKERS, 1994)<sup>8</sup>. Por um lado, esse refrão refere-se à prática social das visitas dos pais com as suas crianças, dos avós com os netos e da família toda aos parques zoológicos nas férias e fins de semana. Esse costume se naturalizou desde o século XIX, fazendo-se mais comum no século XX. Por outro lado, a canção bastante exitosa deve ser considerada só como um índice do cânone de formação geral. Além da música, o parque zoológico é o tema de muitos outros livros infantis. Até com ênfase na instrução, está integrado aos livros escolares. É também bastante comum os professores e monitores combinarem as atividades dos alunos, na etapa pré-escolar e educação básica, com saídas ao parque zoológico da cidade.

### 1.1 Os precursores

A curiosidade pelos animais selvagens, e de uma maneira ainda mais destacada por aqueles de outros continentes, é uma constante ao longo da história. Ainda na antiguidade, elefantes, tigres e girafas, entre outros animais exóticos, serviam como símbolos de status, foram exibidos nos desfiles triunfantes ou mortos nos espetáculos de corridas públicas. Eles foram também usados como presentes diplomáticos, como ocorreu, na virada do século XVI, com o elefante que Manuel I enviou ao Papa Leo X e, um pouco mais tarde, com o

<sup>7</sup> «[...] Hammoudi [...] bat Claire immer wieder, mit ihm ins Kino, in eine Restaurant, ins Konzert, Theater oder zu einer Ausstellung zu gehen. Später schlug er Ausflüge vor, ins Planetarium, in den Zoo, ins Schwimmbad, und irgendwann wurde aus dem Nein allmählich ein Ja» (GRJASNOWA, 2017, p. 31).

<sup>8</sup> «Wir gehen gerne in den Zoo, an schönen Sommertagen // Und alle Tiere wollen dort, uns Kindern etwas sagen.»

rinoceronte<sup>9</sup> que infelizmente naufragou no caminho a Roma. No início da idade moderna, animais selvagens, regularmente espécies de tamanho menor, faziam parte das ofertas na Rua Nova em Lisboa, a mais famosa e esplêndida avenida de toda Europa naquela época, onde se encontravam pessoas dos quatro continentes (GSCHWEND; LOWE, 2015). A origem da globalização reflete-se nessas vendas e compras. Mas elas foram mais ou menos restritas aos nobres ou comerciantes conectados com o novo mundo. Em consequência, o desejo de mostrar os seus contatos aos seus pares por meio de animais desconhecidos motivou a instalação de jaulas e gaiolas para a sua exibição nos parques dessas famílias ilustres.

Os animais exóticos chegaram ao povo em variedade maior em meados do século XVIII, quando feirantes começaram a viajar com as primeiras exposições de animais itinerantes de uma cidade a outra, inclusive vilas e mercados ou feiras (RIEKE-MÜLLER; DITTRICH, 1999). Combinado com o aspecto da diversão, a instrução formou uma parte importante da interação com o público. Mais tarde, ao lado de seus espetáculos ambulantes maiores, os circos ofereceram um programa mais barato, os visitantes poderiam dar um passeio para ver os seus animais adestrados ao ar livre nos períodos intercalados.

## 2. A família das Tradições Discursivas *guia*

Sem dúvida, a família tradicional-discursiva<sup>10</sup> *guia* pertence às Tradições Discursivas (TTDD) não ficcionais. Escolhendo a metáfora da família entre outras<sup>11</sup>, seguimos os sociólogos, com enfoque na comunicação, ou os linguistas, tomando em consideração aspectos sociais que votam em favor do termo família (BERGMANN; LUCKMANN, 1995; SWALES, 2004; ver CIAPUSCIO, 2009, p. 245). O guia é realizado pela integração de aspectos descritivos<sup>12</sup> modelados, tomando em consideração as necessidades da instrução. Os guias mais antigos compilam listas dos portos, dos artefatos e dos marcos ao longo da costa, recursos naturais usados pelos navegantes para a sua orientação no espaço marítimo. Facilitar a orientação é a função básica que define toda a família tradicional-discursiva dos guias. Algumas listas transformam-se em mapas. No caso do *itinerarium* usado no mundo romano antigo, ele não tem muita diferença, pois lista em sua forma mais simple os marcos de milha de *cursus publicus*, a rede das ruas do império, sem informações adicionais. O exemplo mais famoso é a *Tabula Peutingeriana*, espalhando-se ao longo de mais de seis metros e meio, com uma amplitude de 34 centímetros e poderia ser transportada enrolada. Tem o desenho de um mapa, mas não representa cartograficamente um mapa porque não faz referência fixa ao espaço natural.

Os guias em forma de livros autobiográficos de viagens agregam a forma narrativa quando os jovens, sobretudo da Inglaterra e da Europa do Norte, desenvolvem a prática social de viajar à Itália em busca de arte, cultura e origens da civilização europeia (séc. XVII e XVIII). Aparecem os primeiros livros de viagem baseados nessas experiências pessoais<sup>13</sup>. No século XIX, essa prática começa a tomar em consideração o futuro viajante usuário desses textos, transformando-se em um guia mais informativo e menos pessoal, puxando mais uma vez a função da orientação em primeiro lugar. Será que essa forma lograda mais tarde se perde primeiro?

Mapas e listas, combinadas ou não, formam parte dos guias de viagem até hoje e também caracterizam os guias do parque zoológico. Em termos de futuro, outras pesquisas poderiam partir da hipótese de que os mapas, mas não as listas, têm o potencial de dar continuidade material aos guias do parque zoológico.

<sup>9</sup> Esse rinoceronte ficou famoso porque Albrecht Dürer desenhou-o, em 1515. De fato, ele nunca havia visto o animal pessoalmente. Parece que um esboço criado na chegada do animal ao porto de Lisboa em 1513 por um contemporâneo provavelmente português o ajudava a fazer uma ideia do rinoceronte. Chegou a Nürnberg como anexo de uma correspondência de um amigo dele.

<sup>10</sup> Ver Ciapuscio (2009).

<sup>11</sup> «[A] linguística textual alemã concebe os gêneros explicitamente em termos de uma *escala de maior a menor grau de abstração* (WERLICH, 1975; HEINEMANN e HEINEMANN, 2002); a Linguística Sistemico-Funcional em *termos de parentesco* (MARTIN, 1997; MARTIN; ROSE, 2002) e *colônias* (BHATIA, 2004), com base na similaridade funcional» (CIAPUSCIO, 2009, p. 245).

<sup>12</sup> Veja embaixo os títulos dos primeiros guias austríacos: *descrição* dos animais recentemente chegados etc. Ao mesmo tempo eles representam a forma de lista.

<sup>13</sup> Por exemplo, Brydone, Patrick, 1773, *A tour through Sicily and Malta*, In a Series of Letters to William Beckford, Esq. of Somerly in Suffolk (1st ed. 1773). Traduzido pouco depois (1777) em alemão incluindo um mapa («Nebst einer Chartre von Sicilien und Malta»).

### 3. A TD do Guia de Parque Zoológico

O ponto central deste artigo é a apresentação da TD *Guia do Parque Zoológico* dividido em cinco partes: a história da TD *Guia de Parque Zoológico*, os guias dos parques zoológicos nos polos urbanos dos séculos XIX e XX, as funções descritivas, instrutivas e diretivas e culmina com a relação recíproca da comunicação entre especialistas e leigos<sup>14</sup> e os mais destacados traços discursivos. Finalmente segue o necrológico, isso é, o fim do uso dessa TD.

#### 3.1 A história da TD Guia de Parque Zoológico

##### 3.1.1 Os predecessores

Como explicado mais acima, o parque zoológico foi, em muitos lugares, um projeto da burguesia interessada em transformar a sua cidade em um espetáculo, como em outras cidades modernas, sempre tomando em conta que deve ser um espetáculo instrutivo em todos os casos. Mais tarde se complementou por meio da inclusão de finalidades científicas. O valor importante da instrução do povo, particularmente das crianças, determinou as exposições e apresentações dos animais selvagens no século XVII. No livro «Viajando com animais selvagens: mostras ambulantes entre instrução e comércio 1750-1850» (trad. KJ)<sup>15</sup>, os autores apresentam formas diversas informando os visitantes. Todas elas podem ser consideradas como proto-TTDD do *Guia de Parque Zoológico*.



Johann Geyer: *Das Innere einer Tierbude*, [Ao interior de uma barraca de animais] 1835; Öl auf Leinwand, 56,3×70,3 cm; Museum der bildenden Künste, Leipzig <https://de.wikipedia.org/wiki/Menagerie>. Acesso em 23/09/2017.

O repertório incluiu:

- Desenhos com legendas (Tafeln)<sup>16</sup>
- Painéis (Tableaus)
- Quadros-pinturas (Gemälde)

<sup>14</sup> Ver Jungbluth (2016a) enfocando uma comunicação entre letrados e analfabetos, entre a cidade e a zona rural.

<sup>15</sup> Unterwegs mit wilden Tieren: Wandermenagerien zwischen Belehrung und Kommerz 1750-1850 (RIECKE-MÜLLER; DITTRICH, 1999; trad. KJ).

<sup>16</sup> Ver «language in the material world» (SCOLLON; SCOLLON, 2003).



A função deles é atrair a atenção do público, indicar o evento ou o lugar onde iria acontecer e acompanhar o discurso do feirante, mostrando um exemplar de uma certa espécie.

Ao lado dessas três funções, eram exibidos frequentemente desenhos dos animais selvagens muito fantasiosos, e foram convencionalizadas também folhas volantes para atrair o público. A forma mais comum combinava a imagem de um animal, o seu nome, o lugar de sua origem e algumas características externas dele. Essa imagem com legenda era complementada pelas informações sobre o lugar, o tempo e o preço da entrada. A reprodução se realizou por meio da gravura em madeira ou em cobre. Alguns exemplares estavam disponíveis para compra, assim transformando-se em objetos de lembrança e possivelmente de coleção.

Às vezes os feirantes dos animais selvagens produziam folhetos com várias páginas, até catálogos inteiros mostrando não só um animal, mas todos os animais daquele grupo. Adicionalmente incluíam (às vezes falsas) informações biológicas ou da morfologia sem, claro, integrá-los a uma sistemática zoológica (GAMAN, 2017; RIECKE-MÜLLER; DITTRICH, 1999, p. 94-95).

### 3.1.2 O primeiro guia da cidade de Viena

Bem anterior aos guias dos parques zoológicos burgueses, o primeiro guia de parque zoológico foi publicado em Viena, em 1799, pelo impressor da corte (trad. KJ)<sup>17</sup> sobre a ménagerie<sup>18</sup> do príncipe Schönbrunn. Apesar do título “Descrição dos animais recentemente chegados ao jardim dos animais de Schönbrunn”<sup>19</sup>, de fato, o guia começa com uma descrição do caminho: «tal entrando do lado do parque Schönbrunn, ao jardim dos animais nós encontramos do lado direito a secção» etc<sup>20</sup>. Depois continua o texto principal dividido ao longo das secções enumeradas, aparecendo em forma de títulos com tipografia maior e posicionamento central. O número aparece em forma de adjetivo sempre seguido pela palavra secção ‘Abteilung’.

## 3.2 Os guias dos parques zoológicos nos polos urbanos dos séculos XIX e XX

Vale a pena sublinhar que a abertura do jardim zoológico em Berlin, no primeiro dia de agosto de 1844, um projeto da burguesia, foi estreitamente ligada à edição do primeiro guia desse parque zoológico publicado no ano seguinte. Só oito anos depois, o famoso jardim zoológico Belle Vue em Manchester, Inglaterra, foi inaugurado<sup>21</sup>. Esse jardim imenso incorporou um parque de diversão com brinquedos e divertimentos, uma sala de exibição e umas pistas preparadas para a organização de competições de veículos motorizados. Parece que o mundo britânico, socialmente bem estratificado, não puxou o aspeto da instrução, como foi o caso da Alemanha. O guia do parque Belle Vue foi publicado só cem anos mais tarde. Há exemplares com imagens bem vivas e outros que mostram uma forma mais textual, ainda com mais páginas. Parece que as duas formas têm como destinatário o público geral por um lado e os especialistas do outro lado. O parque fechou no ano 1977.

---

<sup>17</sup> «Beschreibung der in dem Thiergarten zu Schönbrunn neu angekommenen Thiere» (1799). Wien, impresso por Mathias Andreas Schmidt, impressor da corte (GAMAN, 2017).

<sup>18</sup> *Ménagerie* é uma palavra de origem francesa para designar uma coleção particular de animais vivos em cativeiro.

<sup>19</sup> «Beschreibung der in dem Thiergarten in Schönbrunn neu angekommenen Thiere».

<sup>20</sup> «So wie man von dem Schönbrunnerschloßgarten in den Thiergarten hineingeht, so findet man gleich rechts in der ersten Abteilung...»

<sup>21</sup> Sabemos que uma segunda edição de um guia foi publicada em 1927 <<http://zooguides.org.uk/BelleVue/1927.htm>> (Acesso em 23/09/2017). O primeiro guia determinado como oficial e ilustrado foi publicado em 1929. O último guia data do ano 1975, dois anos antes do seu fechamento.



<p>Belle Vue 1927                  Número de páginas impressas: 30p                  Dimensões (amplitude x altitude):                  120mm x 185mm                  Datação: o guia está explicitamente datado</p>	<p>Belle Vue 1929                  Número de páginas impressas: 64p                  Dimensões (amplitude x altitude):                  125mm x 185mm                  Datação: o guia está explicitamente datado</p>	<p>Belle Vue 1949                  Número de páginas: 40pp                  Dimensões (amplitude x altitude):                  140mm x 210mm                  Datação: o guia está explicitamente datado</p>
---	---	--

Já o jardim zoológico de Leipzig abriu as suas portas em 1878 e existe até hoje. Cinco anos mais tarde, em 1883, apareceu o guia ilustrado do jardim zoológico de Leipzig, com um mapa e 12 textos ilustrados<sup>22</sup>. Transformou-se em um dos parques mais modernos do mundo, apoiando-se em seu conceito de combinar a proteção e o bem-estar dos animais em seu habitat/ecossistema, simulando os seus lugares naturais, com a promoção de experiências únicas e plurissensoriais aos seus visitantes.

Apresentamos esses três parques zoológicos como exemplos da finalidade de instrução ligada a sua fundação. A instrução indica tanto a divulgação de conhecimentos sobre os zoológicos como uma educação ético-moral incluindo a observação dos animais e a imitação do comportamento de alguns deles (ver DITTRICH; RIEKE-MÜLLER; von ENGELHARDT, 2001, p. 86). A transferência dos conhecimentos sobre os animais foi feita por meio dos guias. Embora essa função tenha ascendência na burguesia no século XIX, não era cumprida apenas pelos guias. As grandes obras enciclopédicas como Buffons *Histoire naturelle* (1764 publicado em alemão) e o famoso *Brehms Thierleben* (1864) eram caros demais, assim ficavam fora de alcance para a maior parte das pessoas (ver DITTRICH; RIECKE-MÜLLER, 1999, p. 96). Além disso, jornais temáticos, como «O jardim zoológico» («Der zoologische Garten»<sup>23</sup>), dedicaram-se a discutir a criação de espécies selvagens e tropicais, mas se destinavam aos especialistas cultos e cientistas formados. Os guias, por outro lado, tiveram como público-alvo o povo, ou seja, um público amplo e ávido de conhecimentos novos.

<sup>22</sup> «Illustrierter Führer durch den Zoologischen Garten zu Leipzig. Mit einem Plan und 12 Text-Illustrationen» (1883). Georg Westermann. Leipzig, Verlag von Edwin Schloemp.

<sup>23</sup> Der zoologische Garten. Zeitschrift für die gesamte Tiergärtnerei. Órgão oficial da World Association of Zoos & Aquariums (WAZA) e da associação dos diretores de parques zoológicos alemães (VdZ). Publicado desde 1859 até hoje com uma lacuna entre 1906 e 1927 (1.1859/60 – 46.1905; Desde 1928 continua a ser publicado, indicando a série como nova 'Neue Folgen': NF 1.1928/29 – hoje [vol. 86/2017]), tem seis temas por volume/ano: Frankfurt, M.: Verl[ag] d[er] Zoolog[ischen] Ges[ellschaft] [1859-1875]; Frankfurt a. M.: Alt [1876]; Frankfurt a.M.: Mahlau & Waldschmidt [1877-1905]; Leipzig: Akad[emische] Verl[ags]-Ges[sellschaft] [1928-1944]; Leipzig: Geest & Portig [1949-1973]; Jena & Stuttgart: Fischer > Jena: Urban & Fischer; Jena & Amsterdam; Boston, Mass.; London; New York, NY; Oxford; Paris; Philadelphia, Pa.; San Diego, Ca.; St. Louis, Mo.; München: Elsevier, Urban & Fischer.

### O corpus compilado: as suas características e os seus limites

Com a finalidade de chamar atenção para o diálogo entre cientistas e leigos, entre os diretores dos parques zoológicos e os leitores dos guias, descrevemos agora o *corpus* que temos em mãos destacando os autores. Buscar os guias não é uma tarefa fácil porque não formam parte da literatura coletada nas bibliotecas nacionais ou em outros lugares semelhantes. São os arquivos mais ou menos cuidados onde é possível encontrar, em alguns casos, esses folhetos-guias, livros-guias. Há também os apaixonados pela história do(s) seu(s) parque(s) zoológico(s) que fazem coleções compilando exemplares dessa TD. O *corpus* reúne os guias de três parques zoológicos famosos das seguintes cidades: Viena, Berlin e Leipzig.

#### 3.2.1 Viena: o jardim zoológico Schönbrunn

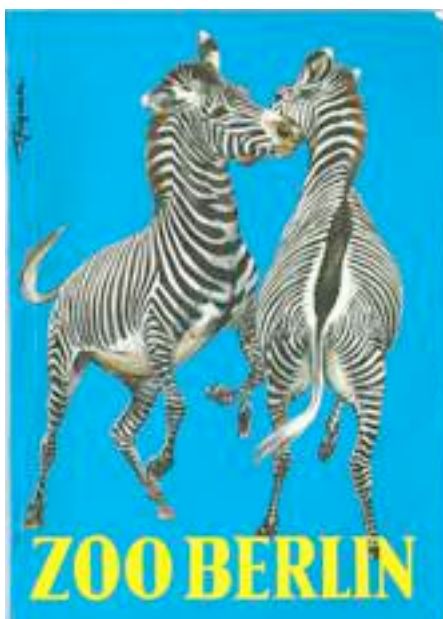


<p>Wien: Schönbrunn 1875                  Número de páginas: 131 p                  Dimensões (amplitude x altitude):                  130mm x 213 mm                  Datação: o guia está explicitamente datado no título.</p>	<p>Wien; Schönbrunn 1962                  Número de páginas: 40 p                  Dimensões (amplitude x altitude):                  150mm x 210mm                  Datação: o guia está explicitamente datado na primeira página depois do mapa.</p>	<p>Wien: Schönbrunn 2010                  Número de páginas: 160 p                  Dimensões (amplitude x altitude):                  215mm x 140mm                  Datação: o guia está explicitamente datado na primeira página depois do título.</p>
--	--	---

O primeiro guia foi publicado em 1799. Estabelece o guia do parque zoológico uma TD nova, distinta dos outros guias de viagem, de teatro e de ópera etc. Foi o padrão seguido pelos guias publicados mais tarde. Temos no *corpus*, além desse exemplar mais antigo, 17 outros. Vale destacar que em Viena sempre se falou do jardim dos animais 'T[h]iergarten'<sup>24</sup>, até o guia celebrar os 250 anos desse jardim de animais em 2002. O último guia publicado em 2010 mostra uma mudança no uso da palavra zoo, abreviação comum nas terras germanófonas para o parque zoológico. A mudança está encaixada em um ato apelativo da língua inglesa: *Zoo for You*, imitando anúncios modernos dirigidos a crianças e jovens. Achamos interessante que a comunicação entre cientistas e leigos seja mencionada explicitamente pelo diretor, Dr. Leop[olod] Jos[eph] Fitzinger, obviamente o primeiro que se apresenta como cientista, no ano 1875: *a descrição popular de todos os animais d[ele]* [isto é: do jardim de animais Schönbrunn] 'Eine populäre Schilderung sämmtlicher Thiere derselben'. Quatro anos mais tarde, o Dr. Friedrich Knauer fala de um *guia didático* 'Belehrender Wegweiser für den Besucher der Menagerie, des botanischen Gartens und der übrigen Anlagen (1879)'. Os dois deixam óbvio que os autores cientistas reconheciam o seu trabalho de estabelecer a comunicação entre especialistas e leigos, com o propósito de passar parte dos conhecimentos daqueles a estes. Não encontramos nos guias das outras cidades esse ato de reflexão.

<sup>24</sup> A forma mais antiga e com a forma mais moderna, tiergarten, aparece pela primeira vez em 1928.

### 3.2.2 Berlin



<p>Berlin 1851                  Número de páginas: 24 p                  Dimensões (amplitude x altitude): 105 mm x 165mm                  Datação: o guia esta explicitamente datada (no título, ver acima).</p>	<p>Berlin 1975                  Número de páginas: 112 p                  Dimensões (amplitude x altitude): 145mm x 205mm                  Datação: o guia esta explicitamente datada (1975, na primeira página depois do título).</p>	<p>Berlin 2007                  Número de páginas: 144 p                  Dimensões (amplitude x altitude): 145mm x 205mm                  Datação: o guia esta explicitamente datada (na primeira página depois do mapa)</p>
---	--	---

A nossa coleção conta com dezenove exemplares no total, iniciando com o *guia* ('Führer') de 1851, o único exemplar anônimo. O primeiro personalizado é o guia do ano 1889, onde aparecem três cientistas como autores: Dr. Bodinus, Dr. Max Schmidt e Dr. L. Heck. O último, Prof. Dr. Luz Heck, foi o diretor do parque zoológico de Berlin e continuou a publicar outras edições atualizadas e ampliadas, de vez em quando, até 1940. Temos exemplares dos anos 1901, 1903, 1910, 1914, 1925, 1927, 1931, 1936, 1940. Para todos eles consta a sociedade dos acionistas, situada em Berlin, como responsável pela publicação. O exemplar do ano de 1927 teve um enfoque um pouco diferente, dirigido às pessoas que combinam a visita com um passeio para tirar fotos. Tem como título "Passeios exploratórios pelo parque zoológico com a câmera Zeiss Ikon", publicado pelo mesmo diretor Luz Heck em parceria com Dr. Jür[en] Cl. C. Freyer (Streifzüge durch den Zoologischen Garten Berlin mit der Zeiss Ikon Camera). Devido ao contexto político da ditadura de Hitler, o nome do guia mudou de guia-'Führer' para guia-encaminhamento 'Wegweiser', a partir do ano 1936.

Depois da guerra, o primeiro guia apareceu em 1951. A autora e cientista, Dra. Katharina Heinroth, já foi coautora do guia do ano 1910, em parceria com o mencionado Luz Heck. Quarenta e um anos depois, publicou o guia identificado pelo subtítulo «o primeiro *repórter e guia-encaminhamento* depois da guerra» (Erster Bericht und Wegweiser nach dem Kriege) em parceria com Werner Schröder. Em 1958 apareceu outro guia mencionando explicitamente o seu autor como cientista: «por Dr. Heinz-Georg Klös diretor científico» (Bearbeitet von dem wissenschaftlichen Direktor Dr. Heinz-Georg Klös). O mesmo diretor volta a publicar em 1969 e, no exemplar de 1975, apareceu nomeado catedrático (Professor Dr. Heinz-Georg Klös). A próxima edição, numerada como trigésima, menciona o aquário pela primeira vez no título e conta com 146 reproduções policromáticas, algumas delas de uma página inteira (Wegweiser durch den Zoologischen Garten Berlin und sein Aquarium 1987. 30., verbesserte Auflage mit 146 teilweise ganzseitigen Farbaufnahmen). Muda mais uma vez o autor quando o guia foi publicado por Dr. Hans Frädrich em 2002. Temos no *corpus* o exemplar de 2003. Em 2007, Dr. Jürgen Lange publicou a quinquagésima edição, penúltima até agora, e mudou o título do guia para *acompanhador* ('Begleiter').

O autor da última edição, Dr. Bernhard Blaszkiewitz, voltou a publicar o guia em 2008, sob o título anterior *guia-encaminhamento* ('Wegweiser'), ainda com o apoio da Associação dos Acionistas do Parque Zoológico de Berlin, dando continuidade desde o seu início.

### 3.2.3 Leipzig

O parque zoológico de Leipzig representa o mais jovem parque em nossa coleção, bem mais jovem que o jardim de animais de Viena. Quando esse último celebrou 250 anos em 2002, o parque zoológico de Leipzig celebrou 125 anos em 2003. A coleção dos guias do parque zoológico de Leipzig é a menor entre os três parques selecionados. O primeiro guia foi publicado em 1883, cinco anos depois da sua fundação. Os próximos quatro guias são os únicos publicados por cientistas, pelo menos mostrando o seu título acadêmico ou o diretor tem uma formação acadêmica: Dir[ector] Ernst Pinkert (1907?); Professor Dr. Karl Max Schneider (1957); Dr. Ludwig Zukowsky (1963) e Zoodirektor Siegfried Seifert (1978). Os últimos três foram publicados na época da República Democrática Alemã. Fora o primeiro, publicado em 1994 por Wolfgang Titel, os guias agora são publicados anonimamente (1998, 2003, 2013).



<p>Leipzig 1883                  Número de páginas: 53 p                  Dimensões (amplitude x altitude):                  135 mm x 195mm                  Datação: o guia está explicitamente datado (no título, ver acima).</p>	<p>Leipzig 1957                  Número de páginas: 116 p                  Dimensões (amplitude x altitude):                  148mm x 210mm                  Datação: o guia está explicitamente datado (na primeira página depois do mapa).</p>	<p>Leipzig 2012                  Número de páginas: 116 p + mapa                  Dimensões (amplitude x altitude):                  120mm x 220mm                  Datação: o guia está explicitamente datado (na última página).</p>
---	--	--

Claro, o nosso *corpus* não é muito grande e está limitado ao mundo germanófono. Para fazer comparações maiores precisaria aumentar o número de exemplares e integrar mais países e línguas. Será de grande valor conhecer as tradições discursivas praticadas em outras partes para comparar e analisar quais elementos há em comum e quais são divergentes.

### 3.3 As funções descritivas, diretivas e instrutivas

Com base nesse *corpus*, podemos verificar que a TD *guia de parque zoológico* tematiza o mundo sob o aspecto da sua perceptibilidade (HAUSENDORF; KESSELHEIM, 2008, p. 98; trad. KJ). As funções do guia ligam e interligam o mundo real e o mundo do texto, combinando funções descritivas, instrutivas e diretivas. Sobretudo a primeira função abarca aspectos enciclopédicos onde a disseminação dos conhecimentos e a formação do público

culto têm lugar, mas as outras funções assumem também um papel importante a uma formação de comportamento culto do mesmo público.

### 3.3.1 Função descritiva

A função descritiva pode incluir, entre outras, a especificação geral e do espaço, realizada, às vezes, em listas pormenorizadas e posicionamento espacial. Fazem parte do último predicado:

- ...*originário de* 'stammt aus';
- *vive em* 'lebt in';
- [*muito*] *localizado/-a em* 'findet sich heimisch in';
- *habita [a região]* 'bewohnt die Gegend'

Os predicados complementam-se com argumentos que, no caso mais comum, são completados com os nomes da espécie enfocada.

No caso da descrição da sua presença no parque zoológico aparecem frases como:

- *aqui moram mais de 40 flamingos de três espécies* 'hier stehen über 40 Flamingos in drei Arten';
- *este comportamento/esta jaula/esta represa alberga/hospeda/acolhe...* 'Diese Anlage birgt ... in sich/ beherbergt/in dieser Anlage sind ....untergebracht'

Essas expressões alternam com predicados descrevendo o sujeito por meio de outro substantivo simples ou um sintagma nominal complexo ou usando um adjetivo, às vezes em forma de comparativo ou de superlativo:

- ...*anda de palmilhas* 'ist Sohlengänger' [é palmilhas corredor: V<sub>AUX</sub> NN];
- ...*chega a ter um metro* '... wird fast ein Meter lang';
- ...*tem um peito vermelho marrom* '...hat rotbraune Brust';
- ...*é o maior/ o menor* 'ist der größte/der kleinste'
- ...*pertence ao grupo de* 'rechnet/gehört zur Gruppe der'
- ...*faz parte da lista de animais ameaçados de extinção* 'steht auf der Liste der bedrohten Tierarten'
- ...*são semelhantes/diferentes a* 'sind gleich/verschieden von'
- ...*com parentesco/sem parentesco com...*seguido pelo nome da outra/próxima espécie descrita.

### 3.3.2 Função diretiva

Cinco formas representam essa função. Elas se distinguem pelos graus e tipos diferentes de obrigações. Começamos com a forma mais forte incluindo um ato de perda da face importante (face threatening act).

#### 1) O imperativo:

- *Tomando em consideração a saúde de nossos animais, encarecidamente pedimos aos nossos prezados visitantes atuar em favor dos animais evitando dar comida aos animais. Pedimos mais uma vez: **Obedeçam a regra: alimentar os animais está proibido!*** 'Im Interesse der Gesunderhaltung unserer Tiere bitten wir daher unsere verehrten Besucher, wirklich tierfreundlich zu handeln und keine Tiere zu füttern. Wir bitten Sie nochmals: Beachten Sie das Fütterungsverbot!'

#### 2) Os adjetivos em posição predicativa:

- *Está interdito / proibido / não é permitido / não é desejado / é preciso* 'Es ist untersagt / verboten unzulässig / unerwünscht / erforderlich'
- *incomodar / chatear os animais* 'die Tier zu necken / zu belästigen';
- *dar erva fresca ou folhas aos animais* 'Die Tiere mit Gras oder Laub zu füttern'.

## 3) A voz passiva e a voz ativa com verbos modais:

- *É proibido pisar na grama* 'Rasenflächen dürfen nicht betreten werden'
- *Ninguém deve retirar flores* 'Niemand soll sich Blumen aneignen';
- *Cachorros só podem ser trazidos ao jardim com coleira não flexível.* 'Hunde dürfen nur an fester Leine in den Garten gebracht werden.'

## 4) Avisos mostram as consequências: se não obedecer a regra será penalizado:

- *Quem intencionalmente desobedece as regras, será responsável por todos os danos provocados* 'Wer vorsätzlich die Regeln verstößt, muss für jeden Schaden haften';
- *Quem incomoda, chateia os animais ou salta as barreiras instaladas, será imediatamente posto para fora do parque!* 'Wer Tiere neckt oder beunruhigt, sowie unbefugt die angebrachten Barriere überschreitet, wird ohne Weiteres aus dem Garten entfernt'

## 5) Atos de fala assertivos:

- *Lixo e papel devem ser colocados nos recipientes apropriados* 'Abfall und Papier gehören in die dafür bestimmten Behälter.'

A função diretiva pode ser enfatizada incluindo advérbios como *sobretudo*, *somente* 'vor allem, nur' e repetindo pronomes como *nenhum* ou *qualquer* 'kein, jegliches':

- *Faça o favor de só oferecer alimentos saudáveis, não estragados, particularmente nenhuma fruta ácida ou verde!* 'Bitte füttern Sie stets nur einwandfreie Nahrungsmittel, keine verdorbenen, vor allem kein saures oder unreifes Obst!'

## 3.3.3 Função instrutiva

No coração do texto, o guia orienta os leitores pelo caminho fictício ao longo do parque zoológico. Onde aparecem as dicas de orientação, podemos observar uma mudança do uso do tempo gramatical. Enquanto os guias mais antigos usam o pronome impessoal ('man' /-se) combinado com o subjuntivo *Segue-se a seta* 'Man folge dem Pfeil', os guias posteriores usam o presente ou o perfeito: *Depois a gente recuperou perto do lago, vamos a...* 'Nachdem wir uns am See erholt haben, gehen wir zur ...'.

Há instruções autorreflexivas, até início dos anos cinquenta, que mostram a inclusão de comentários metalinguísticos como *Esse guia pretende ser nada mais que um guia. Sua meta e sua finalidade são. única e exclusivamente, guiar o visitante pelo parque/jardim* 'Dieser Führer will wirklich nur ein „Führer“ sein. Sein Zweck und Ziel ist einzig und allein, den Besucher des Gartens zu führen/leiten'. O índice para a situação atual aparece na reserva *No caso de um ou outro animal descrito nesse guia não se encontre no lugar indicado, pode ser mudado de lugar ou não está mais no parque.* 'Sollte das eine oder andere im Führer aufgeführte Tier an der darin angegebenen Stelle nicht zu finden sein, so ist dasselbe an einem anderen Ort zu finden oder es hat den Park verlassen.'

## 3.4 A comunicação entre especialistas e leigos e os mais destacados traços discursivos

De fato, os guias de parque zoológico representam um gênero de texto, isto é, uma TD que mostra o discurso entre especialistas e leigos e a sua mudança. Como o grupo dos leigos é heterogêneo em termos de idades, de competências, e os especialistas detêm conhecimentos mais ou menos profundos, o nosso *corpus* oferece a oportunidade de acompanhar, ao longo do período estudado, o desenvolvimento desse discurso entre interlocutores desiguais. Em certa perspectiva, o êxito da comunicação referente à sedimentação de conhecimentos pressupostos em guias mais recentes, comparados com aqueles do início, indica uma mudança progressiva. Ao longo do tempo, as formas de expressão se tornaram passo a passo mais específicas.

No que diz respeito ao caráter dos traços linguísticos usados, podemos diferenciar três períodos: a primeira, antes de 1920, a segunda, entre 1920 e 1950, e a terceira até finais do século XX.

No início, tomando em consideração que os conhecimentos da população sobre o zoológico-eram ainda escassos, as descrições das espécies tinham uma forma mais geral. Os autores detalhavam os aspetos exteriores dos animais, os perceptíveis pelo observador, e mencionavam também os sons dos animais. Caracterizavam a cor, o tamanho, a forma, incluindo a largura e a espessura das partes do corpo do animal. Com o propósito de chegar a uma descrição mais exata, os autores criavam composições, como, por exemplo, *amarelo citrina* 'zitronengelb', *vermelho escarlate* 'scharlachrot', para facilitar a compreensão de termos mais cultos. Aqui podemos observar um procedimento usado pelos autores para a instrução dos seus leitores sobrepondo-se parcialmente ao público do parque zoológico.

Ao lado dos adjetivos *passé-partout* pouco específicos, como *bonito*, *feito*, *elegante*, *gracioso* ('schön', 'häßlich', 'elegant', 'zierlich') entre outros, aparece um adjetivo muito apreciado pelos autores dos primeiros guias: *maravilhoso* 'prächtig'. Este último termo, revelando um toque arcaico graças à ligação com o mundo nobre, semelhante a *suntuoso*, é usado com extrema frequência. Aparece como adjetivo, também como determinante e em forma de advérbio e de nome, formando parte determinante de uma composição. Aparece combinado com muitas variações: *maravilhoso e colorido* 'prächtig und farbig'; *cheio de maravilhas* 'prachtvoll'; *maravilhosamente coloridos* 'farbenprächtig'; *passarinho maravilhoso* 'Prachtvögelchen' (em alemão composição de tipo N+N+>Dim Pracht+vögel+chen).

O acúmulo de determinantes na frase nominal foi outro procedimento para lograr uma descrição mais exata: *com um bico estreito e curvado* 'mit einem schmalen gebogenen Schnabel'; *uma cauda semelhante a uma crina* 'ein mähenartiger Schwanz'; *dentes venenosos bastante longos* 'recht lange Giftzähne', *crânio facial em forma de tromba* 'rüßelförmiger Gesichtsschädel', *língua vermiforme* 'wurmförmige Zunge', entre outros.

Os leitores aprendiam algumas distinções básicas da ordem das espécies: *esses pássaros são espécies típicas do grupo das aves nativas* 'diese Vögel sind typische Vertreter der einheimischen Vogelwelt'; *aquelas serpentes são estrangeiras* 'jene Schlangen sind fremdländisch'. Curiosamente, só nos primeiros guias aparecem frases referindo-se de forma explícita aos exemplares presentes no parque zoológico respectivo: *o exemplar aqui presente/exposto/apresentado/acolhido/alocado* 'das hier befindliche/vorhandene/zur Schau gestellte/ausgestellte/beherbergte Exemplar'.

A partir dos anos 1920 em diante, aparecem adjetivos mais específicos: com ou sem *esgalhos*, *galhadas ou hastes* 'geweihtragende, geweihlose, hornlose'. Alguns termos novos são neologismos formados aplicando processos de morfologia derivativa a partir dos nomes: *com bico amplo ou grande* 'breitschnäblig, großschnäblig' (Schnabel>schnäblig: nome>adjectivo), *com cauda pontiaguda* 'spitzschwänzig', *animais herbívoros* 'fruchtfressende Tiere' (fressen>fressend: verbo>gerúndio: adjectivo).

Na segunda metade do século XX, o texto se faz mais denso pressupondo conhecimentos zoológicos avançados e uma certa rotina de leitura desse tipo de texto por parte dos leitores. São três procedimentos que levam a esse resultado. Por um lado, frases nominais com informações extremamente condensadas e/ou o uso de palavras pouco comuns. Por outro lado, evidencia-se a cadeia referencial, meio linguístico importante para construir a coesão do texto. Em lugar das repetições simples aparecem referências pronominais, agora com uma grande variação de formas de substituição. Essa mudança acelera-se prontamente. Em lugar de pronomes e hiperônimos ou o uso muito comum da palavra *animal*, frequente até então, os autores usam o instrumento da substituição cada vez mais (veja abaixo).

Entre as frases nominais densas estão: *o lobo de crina bom corredor* 'lauffreudige Mähnenwolf', *os leopardos insensíveis ao frio* 'kälteunempfindliche Persische Leoparden', *yaks selvagens temperamentais* 'temperamentvolle Wildyaks', *lagartos carapaças morando na terra* 'bodenbewohnende Krustenechsen', *antílope espada de hastes* 'gehörnte Säbelantilope' (Horn > gehört, N > participio:adjectivo); *fêmeas em fase de acasalamento* 'paarungswillige Weibchen'.

Esse último exemplo faz a ligação com o vocabulário culto e ainda mais específico do campo da Biologia ou das Ciências Naturais. Os pássaros robustos, até então chamados de fortes ou as espécies nativas passam a ser caracterizados como autóctone<sup>25</sup>.

Quanto à cadeia referencial, observamos que em lugar de referência pronominal, de repetição simples do nome do animal, da substituição pela palavra comum *animal* menos específica ou no máximo uma variação entre

<sup>25</sup> Veja a discussão de Jungbluth (2016b) sobre *neobiotas*, isto é, espécies chegadas depois da viagem de Colombo à terra europeia.



as palavras fêmeas e machos, como *garanhão* e *égua* ou *touro* e *vaca*, os autores começam a variar as palavras com maior frequência, inclusive usos metafóricos como, por exemplo, *fantasmas noturnos*, referindo-se a roedores noturnos: *herbívoro* 'Pflanzenfresser'; *habitantes de árvores* 'Baumbewohner'; *recém-chegados* 'Neuankömmlinge'; animais de quatro mãos 'Vierhänder'.

Aqui e ali os conceitos estereotipados de certos animais são postos em discussão. Será que as piranhas não são *sanguinárias*? E as focas não deveriam ser caracterizadas como *bonitinhas*<sup>26</sup>?

Os mais novos guias falam também da responsabilidade do parque zoológico com as suas coleções de certos animais de valor científico: uma *coleção bonita/rica/grande/ multifacetada de aves raras* 'schöne/reichhaltige/reiche/größte/vielseitige Sammlung seltener Vögel'. Também mencionam o valor da manutenção quando falam sobre o *cuidado importante e atencioso* ou o *tratamento cuidadoso* dos animais, às vezes *difíceis ou perigosos* 'gefährliche Pfleglinge' e *consumidores desafiantes* 'anspruchsvolle Kostgänger'.

Ultimamente os autores costumem dirigir a atenção dos leitores para as características únicas de certo parque zoológico, sublinhando a excepcionalidade de alguns dos seus animais: *o único sobrevivente descendente dos ursos glaciais* 'der einzige überlebende Nachfahre eiszeitlicher Bären', *uma raridade/preciosidade extraordinária* 'eine ganz besondere Rarität/Kostbarkeit', *os [primatas chamados] varis*<sup>27</sup> *raramente expostos e importados* 'die sehr selten gezeigten/eingeführten Varis'.

### 3.5 O fim da TD e as novas formas de comunicação com o público

Queremos lembrar brevemente que as nossas pesquisas mostram que o ritmo da publicação dos guias de parque zoológico experimentou uma fase de desaceleração a partir dos anos setenta do século XX<sup>28</sup>. Por um lado, parece que a comunicação mudou, dando preferência a outros meios mais modernos, revelando um crescimento da prestação de serviços de orientação e da informação por meio da informática. Fica em muitos lugares só o mapa com desenhos dos animais e uma legenda bem reduzida que é entregue aos visitantes no momento de entrar no parque. Informações de caráter enciclopédico, que formaram parte dos guias nos tempos anteriores, combinadas com esforços de disseminar conhecimentos zoológicos e das Ciências Naturais para um público geral, não existem mais. Raramente ficam integradas à visita quando se realizam buscas do caminho na internet. Por outro lado, alguns parques zoológicos são transformados em parques da cidade como, por exemplo, o parque zoológico de Buenos Aires<sup>29</sup>. Já em 1977, foi fechado o famoso parque Belle Vue em Manchester.

Na atualidade os velhos parques zoológicos na Alemanha, mas também na Áustria, em Portugal, Catalunha, Polônia entre muitos outros lugares da Europa continuam. Mas a tradição discursiva *guia de parque zoológico* está caindo gradualmente em desuso com a mudança do milênio.

## Conclusões

Não foi a nossa intenção defender que os guias de parque zoológico foram as únicas fontes para os leigos interessados em conhecer a fauna do mundo em tempos passados. A divulgação não foi limitada a eles. A partir da segunda metade do século XIX e ao lado da leitura, as escolas de ensino popular ('Volksbildungswerk', 'Volkshochschule') ofereceram palestras sobre temas diversas também sobre zoologia e preparam material didático usado nos cursos para formar adultos e adolescentes. Ao menos, alguns dos especialistas, que também só começaram a se formar no século XIX em número maior, tinham acesso às enciclopédias de Buffon (1764 em alemão; ver MEISEN, 2008) e Brehm (1864; ver SCHULZE, 2009). Ao mesmo tempo aparece pela primeira vez a revista especializada *O jardim zoológico* (1859), que acaba de publicar o seu último número, formando parte do volume 86 (2017). Ao lado dessa revista, outras mais populares foram divulgadas.

<sup>26</sup> Uma parte importante da instrução consiste em aprender como controlar as emoções. O tema dos animais e as emoções dos chamados amantes ou amigos dos animais será também um projeto interessante de desenvolver.

<sup>27</sup> Varis são símios e pertencem aos lêmures.

<sup>28</sup> No Brasil, hoje em dia, os guias de parque zoológico têm como grupo-alvo professores, e não visitantes.

<sup>29</sup> A prefeitura de Buenos Aires anuncia o fechamento do seu parque zoológico [em 2016]. O zoológico de Buenos Aires, inaugurado em 1875, possui suntuosas jaulas e pérgolas, e foi declarado Monumento Histórico Nacional em 1997. Veja <<https://viagem.uol.com.br/noticias/afp/2016/06/24/zoologico-de-buenos-aires-sera-transformado-em-parque-pela-prefeitura.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em 23/09/2017.

Parece que a forma de orientação colocada em descrições escritas e faladas, tipo visita fictícia ao longo de um caminho é bem europeia e agora também americana. Ao menos essa impressão pode ser deduzida de uma pesquisa comparando guias de viagem americanos e japoneses (SUZUKI; WAKABAYASHI, 2004). Enquanto os últimos usam representações pictoriais para a orientação dos seus leitores-observadores da cidade em quantidade maior, os primeiros baseiam-se em informações linguísticas para os seus leitores-leitores. As autoras enfatizam que as duas maneiras de informar dependem de fatores socioculturais, e não das condições ambientais como, por exemplo, a regularidade de ruas e sua forma.

Esperamos ter conseguido despertar o interesse dos nossos leitores para essa TD, ainda escassamente pesquisada, segundo sabemos. Será interessante aprofundar o tema do guia de parque zoológico e outros guias para chegar a uma comparação da situação na Alemanha e na Áustria com outros lugares como, por exemplo, o Brasil, a Argentina e outros países fora da Europa.

## Referências

- ARTINGER, Kai. *Von der Tierbude zum Turm der blauen Pferde*. Die künstlerische Wahrnehmung der wilden Tiere im Zeitalter der zoologischen Gärten. Berlin: Reimer, 1995.
- BARATAY, Eric; HARDOUIN-FOUGIER, Elisabeth. *Zoo. Von der Menagerie zum Tierpark*. Berlin, Klaus Wagenbach, 2000.
- BELLMANN, Sandra. *Ein kontrastiver Vergleich der Textsorte Reiseführer*. Unterschiede und Gemeinsamkeiten der Textsorte Reiseführer im Deutschen und Spanischen. Leipzig: Akademikerverlag, 2015.
- BERGMANN, Jörg R.; LUCKMANN, Thomas. Reconstructive genres. In: Uta QUASTHOFF (Ed.), *Aspects of oral communication*. Berlin: W. De Gruyter, 1995. p. 289-304.
- BHATIA, Vijay. *Worlds of written discourse*. London/New York: Continuum, 2004.
- BREHM, Alfred E. *Illustriertes Thierleben* Teil: Bd. 1, Hildburghausen, Bibliographisches Institut, 1864.
- BUFFON, Georges-Louis L. Comte de Buffon. *Allgemeine Historie der Natur nach allen ihren besonderen Theilen abgehandelt*. Leipzig: Johann Samuel Heinsius, 1764.
- CIAPUSCIO, Guiomar. Famílias de gêneros e novas formas comunicativas para a ciência. Genre families and new communicative forms in science communication. *Calidoscópio*, vol. 7 núm. 3, p. 243-252, 2009.
- DITTRICH, Lothar; RIEKE-MÜLLER, Annelore; von ENGELHARDT, Dietrich (Eds.). *Die Kulturgeschichte des Zoos*. Berlin: Verlag für Wissenschaft und Bildung, 2001.
- FRITZSCHE, Peter. *Reading Berlin 1900*. Cambridge MA: Harvard University Press, 1996.
- GAMAN, Iryna. Manuscrito. *Entwicklungsmodalitäten und pragmatische Einbettung der Textsorte "Zooführer"* (Bekannschaft mit einer bedrohten Textsorte). Frankfurt (Oder): EUV, 2017.
- GRJASNOWA, Olga. *Gott ist nicht schüchtern*. Berlin: Aufbau, 2017.
- GSCHWEND, Annemarie Jordan; LOWE, Kate J.P. *The Global City: On the Streets of Renaissance Lisbon*. London: Paul Holberton Publishing, 2015.
- HAUSENDORF, Heiko; KESSELHEIM, Wolfgang. *Textlinguistik fürs Examen*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2008.
- HEINEMANN, Margot; HEINEMANN, Wolfgang. *Grundlagen der Textlinguistik*. Tübingen: Max Niemeyer, 2002.
- JÖKER, Detlev; BECKERS, Heinz. Wir gehen gerne in den Zoo. In: *Wir kleinen Menschenkinder*. Münster: Menschenkinderverlag, [CD-ROM]. 1994.
- JUNGBLUTH, Konstanze. Os livros de família pernambucanos do século XIX. O aporte das escrituras pessoais dos autores semicultos nordestinos para a pesquisa da História do Português Brasileiro. In: Maria Lúcia VICTÓRIO, Valéria Severina GOMES (Eds.). *Diacronia dos Textos*. In: Ataliba de CASTILHO (Ed.), *História do Português Brasileiro*. Campinas: Contexto, 2017.
- JUNGBLUTH, Konstanze. Mensageiros e porta-vozes na transmissão de assuntos jurídicos aos não letrados. In: Lucrécio ARAÚJO de Sá Júnior; Marco Antônio MARTINS (Eds.). *Rumos da linguística Brasileira no século XXI: historiografia, gramática e ensino*. São Paulo: Blucher, 2016a. p. 203-215.
- JUNGBLUTH, Konstanze. Ethnicity in Motion. Constructing BRASILIDADE by giving former migrants autochthonous status. Mônica Savedra / Konstanze Jungbluth (Eds.). *Gragoatá Nº 42: Imigração, práticas de linguagem e políticas linguísticas*. Niterói: UFF, 2016b. p. 27-43.
- KLOTHMANN, Nastasja. *Gefühlswelten im Zoo*. Eine Emotionsgeschichte 1900-1945. Bielefeld: Transcript, 2015.
- MARTIN, James R. Analysing genre: Functional parameters. In: Frances CHRISTIE; James MARTIN (Eds.). *Genre and institutions*. London/New York: Continuum, 1997. p. 3-39.

- MARTIN James R.; ROSE, David. *Working with Discourse*. Meaning beyond the clause. London/New York: Continuum, 2002.
- MEISEN, Lydia. *Die Charakterisierung der Tiere in Buffons Histoire naturelle*. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2008.
- RIEKE-MÜLLER, Annelore; DITTRICH, Lothar. *Unterwegs mit wilden Tieren*. Wandermenagerien zwischen Belehrung und Kommerz 1750–1850. Marburg: Basiliken-Presse, 1999.
- SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte; JUNGBLUTH, Konstanze. Text. In: Ulrich AMMON; Norbert DITTMAR; Klaus MATTHEIER; Peter TRUDGILL (Eds.). *Ein internationales Handbuch zur Wissenschaft von Sprache und Gesellschaft*: Soziolinguistik. Berlin: De Gruyter, vol. 1, p. 614-633, 2004.
- SCHULZE, Andreas. *Belehrung und Unterhaltung*: Brehms Tierleben im Spannungsfeld von Empirie und Fiktion, München: Utz, 2009.
- SCOLLON, Ron; SCOLLON, Suzie Wong. *Discourses in place*. Language in the material world. London: Routledge, 2003.
- SUZUKI, Koshiro; WAKABAYASHI, Yoshiki. Cultural Differences of Spatial Descriptions in Tourist Guidebooks. In: Christian FREKSA; Markus KNAUFF; Bernd KRIEG-BRÜCKNER; Bernhard NEBEL; Thomas BARKOWSKY (Eds.). *Spatial Cognition IV*. Reasoning, Action, Interaction. Spatial Cognition. Lecture Notes in Computer Science. Berlin: Heidelberg, Springer, vol. 3343, p. 147-164, 2004.
- SWALES, John. *Genre Analysis*. English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge Academic Press, 1990.
- WERLICH, Egon. *Texttypologie*. München: Fink, 1975.

## Corpus

### **Viena: Tiergarten Schönbrunn**

1. Beschreibung der in dem Thiergarten zu Schönbrunn neu angekommenen Thieren (1799). Wien, gedruckt von Mathias Andreas Schmidt, Hofbuchdrucker.
2. Beschreibung der in dem Thiergarten zu Schönbrunn befindlichen Thieren (1802). Wien, auf Kosten des Herausgebers und in Commission von Franz Grund.
3. Beschreibung des Lustschlosses Schönbrunn (1805/1806). Josef Georg Oehler. Wien.
4. Die kaiserliche Menagerie zu Schönbrunn. Eine populäre Schilderung sämmtlicher Thiere derselben (1875). Dr. Leop. Jos. Fitzinger. Wien, Wilhelm Braumüller, Hof- und Universitätsbuchhändler.
5. Ein Ausflug nach Schönbrunn. Behrender Wegweiser für den Besucher der Menagerie, des botanischen Gartens und der übrigen Anlagen (1879). Dr. Friedrich Knauer. Wien, im Selbstverlage des Verfassers.
6. Schönbrunn. Behrender Führer für den Besucher des Schlosses, des Parks, der Menagerie, des botanischen Gartens und der übrigen Anlagen (1898). Dr. Friedrich Knauer. Wien, R. Lechner, Hof- und Universitätsbuchhandlung.
7. Schönbrunn. Behrender Führer für den Besucher des Schlosses, des Parks, der Menagerie, des botanischen Gartens und der übrigen Anlagen (1903). Dritte, anlässlich des 150jährigen Bestandes der Schönbrunner Menagerie veranstaltete, illustrierte und vermehrte Ausgabe. Mit 3 Plänen von der ganz Schönbrunn und Menagerie, 8 Vollbildern und 48 Textbildern. Dr. Friedrich Knauer. Wien, R. Lechner, Hof- und Universitätsbuchhandlung.
8. Schönbrunn. Führer durch die Menagerie (1912). Mit zwei Farbendrucke nach Aquarellen von Ludwig Hans Fischer, 33 Reproduktionen nach Photographien und einem Plane. Wien, Adolf Holzhausen, Hof- und Universitätsbuchdrucker.
9. Führer durch die Menagerie Schönbrunn Wien (1924). Herausgegeben von der „Hilfsaktion zur Förderung des Wiederaufbaues der Schönbrunner Menagerie“.

10. Führer durch den Schönbrunner Tiergarten (1928). Univ.-Prof. Dr. Otto Antonius, Leiter des Tiergartens. Wien, „Hilfswerk f.d. Schönbrunner Tiergarten“, Leiter Dr. Grögl.
11. Führer durch den Schönbrunner Tiergarten (1937). 4. erweiterte Auflage. Univ.-Prof. Dr. Otto Antonius, Leiter des Tiergartens. Wien, „Hilfswerk für den Schönbrunner Tiergarten“, Leiter Dr. Grögl.
12. Tiergarten Schönbrunn (1962). Dr. Walter Fiedler. Wien, Schloßhauptmannschaft Schönbrunn.
13. Tiergarten Schönbrunn (1971). 2. erweiterte Auflage. Direktor Univ.-Dozent Dr. Walter Fiedler. Wien, Schloßhauptmannschaft Schönbrunn, Tiergartenverwaltung.
14. Tiergarten Schönbrunn (1981). 3. erweiterte Auflage. Univ.-Prof. Hofrat Dr. Walter Fiedler. Wien, Schloßhauptmannschaft Schönbrunn, Tiergartenverwaltung.
15. Tiergarten Schönbrunn (2000). Herausgeber Dir. Dr. Helmut Pechlaner. Wien, Schönbrunner Tiergarten Ges. m. b. H.
16. Tiergarten Schönbrunn. Jubiläumsführer (2002). Herausgeber Dir. Dr. Helmut Pechlaner. Wien, Schönbrunner Tiergarten Ges. m. b. H.
17. Zooführer durch den Tiergarten Schönbrunn (2010). Herausgeber Dir. Dr. Dagmar Schratte. Wien, Schönbrunner Tiergarten Ges. m. b. H.

### **Berliner Zoologischen Garten**

1. Der Führer im zoologischen Garten zu Berlin. Beschreibung der Thiere nebst Plan des zoologischen Gartens (1851). Berlin, L. Weyl & Comp.
2. Die Thierwelt im Zoologischen Garten von Berlin (1889). Dr. Bodinus, Dr. Max Schmidt, Dr. L. Heck. Berlin, Druck von C. Bernstein
3. Führer durch den Berliner Zoologischen Garten (1901). Direktor. Dr. L. Heck. Berlin, Verlag des Aktien-Vereins des zoologischen Gartens zu Berlin.
4. Führer durch den Berliner Zoologischen Garten (1903). Direktor. Dr. L. Heck. Berlin, Verlag des Aktien-Vereins des zoologischen Gartens zu Berlin.
5. Führer durch den Berliner Zoologischen Garten (1910). Direktor. Prof. Dr. L. Heck und dem Direktions-Assistenten Dr. Heinroth. Berlin, Verlag des Aktien-Vereins des zoologischen Gartens zu Berlin.
6. Führer durch den Berliner Zoologischen Garten (1914). Von Direktor Prof. Dr. L. Heck. Berlin, Verlag des Aktien-Vereins des zoologischen Gartens zu Berlin.
7. Führer durch den Zoologischen Garten Berlin (1925). Von Direktor Prof. Dr. L. Heck. Berlin, Verlag des Aktien-Vereins des zoologischen Gartens zu Berlin.
8. Streifzüge durch den Zoologischen Garten Berlin mit der Zeiss Ikon Camera (1927). Hrsg. Prof. Dr. L. Heck. und Dr. Jür. Cl. C. Freyer. Berlin, Verlag des Aktien-Vereins des zoologischen Gartens zu Berlin.
9. Führer durch den Zoologischen Garten Berlin (1931). Von Direktor Prof. Dr. L. Heck. Berlin, Verlag des Aktien-Vereins des zoologischen Gartens zu Berlin.
10. Wegweiser durch den Zoologischen Garten Berlin (1936). Bearbeitet von Dr. Lutz Heck. Berlin, Verlag des Aktien-Vereins des zoologischen Gartens zu Berlin.

11. Wegweiser durch den Zoologischen Garten Berlin (1940). Bearbeitet von Prof. Dr. Lutz Heck. Berlin, Verlag des Aktien-Vereins des zoologischen Gartens zu Berlin.
12. Der Zoologische Garten Berlin. Erster Bericht und Wegweiser nach dem Kriege (1951). Bearbeitet von Dr. Katharina Heinroth und Werner Schröder. Berlin, Aktien-Verein des zoologischen Gartens zu Berlin.
13. Wegweiser durch den Zoologischen Garten Berlin (1958). Bearbeitet von dem wissenschaftlichen Direktor Dr. Heinz-Georg Klös. Berlin, Aktien-Verein des zoologischen Gartens zu Berlin.
14. Wegweiser durch den Zoologischen Garten Berlin (1969). 12., verbesserte Auflage. Bearbeitet von Direktor Dr. Heinz-Georg Klös. Berlin, Aktien-Verein des zoologischen Gartens zu Berlin.
15. Wegweiser durch den Zoologischen Garten Berlin (1975). 18., verbesserte Auflage. Herausgegeben von Professor Dr. Heinz-Georg Klös. Berlin, Aktien-Verein des zoologischen Gartens zu Berlin.
16. Wegweiser durch den Zoologischen Garten Berlin und sein Aquarium (1987). 30., verbesserte Auflage mit 146 teilweise ganzseitigen Farbaufnahmen. Herausgegeben von Professor Dr. Heinz-Georg Klös. Berlin, Zoologischer Garten Berlin Aktiengesellschaft.
17. Wegweiser durch den Zoologischen Garten Berlin und sein Aquarium (2003). 47. Auflage (Nachdruck 2002). Dr. Hans Frädrich. Berlin, Zoologischer Garten Berlin Aktiengesellschaft.
18. Der Begleiter durch den Zoo Berlin und sein Aquarium (2007). 50. Auflage. Dr. Jürgen Lange. Berlin, Zoologischer Garten Berlin Aktiengesellschaft.
19. Wegweiser durch den Zoologischen Garten. Zoo Berlin (2008). 51. Ausgabe. Dr. Bernhard Blaszkiewitz. Berlin, Zoologischer Garten Berlin Aktiengesellschaft.

### **Zoo Leipzig**

1. Illustrierter Führer durch den Zoologischen Garten zu Leipzig. Mit einem Plan und 12 Text-Illustrationen (1883). Georg Westermann. Leipzig, Verlag von Edwin Schloemp.
2. Führer durch den Zoologischen Garten zu Leipzig (1907?). Dir. Ernst Pinkert. Leipzig, Selbstverlag des Zoologischen Gartens.
3. Führer durch den Zoologischen Garten der Stadt Leipzig (1957). Professor Dr. Karl Max Schneider. Im Auftrage der Abteilung Kultur beim Rat der Stadt Leipzig. Hrsg. von Lothar Dittrich. Wien, Rat der Stadt Leipzig.
4. Wegweiser durch den Zoologischen Garten der Stadt Leipzig (1963). Dr. Ludwig Zukowsky. Leipzig, Verlag: Kultur beim Rat.
5. Wegweiser durch den Zoologischen Garten Leipzig (1978). Hrsg. von Zoodirektor Siegfried Seifert. Leipzig, VEB Messedruck.
6. "Hereinspaziert". Zooführer Leipzig (1994). 1. Auflage. Hrsg. von Wolfgang Tittel. Chemnitz, CITY Verlag GmbH
7. Führer durch den Zoo Leipzig mit Gartenplan (1998). Hrsg. vom Zoologischen Garten Leipzig. Leipzig, Jütte Druck GmbH Leipzig.
8. Mit dem Zooführer unterwegs. 125 Jahre Zoo Leipzig (2003). Hrsg. vom Zoologischen Garten Leipzig. Leipzig, Gebr. Klingenberg Buchkunst Leipzig.
9. Zooführer. Zoo Leipzig (2013). Hrsg. vom Zoologischen Garten Leipzig. Leipzig, Messedruck.

## Extratos de textos dos três períodos

### Primeiro período

Wien 1802, p. 15

Zwey Kameele (mit y und zwei ee). Dieses Thier gegen 8 Fuß hoch, hat einen langen Hals, und lange, unförmliche Füße. Es nährt sich von Disteln und andern stachlichten Gewächsen. Den Buchsbaum, den es sehr liebt, ist ihm tödtlich. In einer Stunde ist es satt, und kann dann 24 Stunde hungern, es hat einen vierfachen Magen, und noch ein Wasserbehältniß, daß es über 8 Tage nicht zu trinken nöthig hat. Es sauft aber auf einmal eine ungeheure Menge. Es wird 40-50 Jahre alt, und kann 12-15 Zentner in einem 12 Meilen weit tragen. Musik ist das Antreibungsmittel für ihn.

Berlin 1851, p. 19

**Der Rüsselbär** (Coalis) aus Brasilien. Diese Bären haben nackte und auftretende Sohlen mit fünf Klauen, eine lange Schnauze und Nase, und gleichen im Gebiß und Sohlen den Waschbären; sie sind rothbraun, von der Größe junger Hasen und haben eine rüsselförmige Nase.

Ein **Maki** (Lemur) zu den Halbaffen gehörig, unterscheidet sich vom Affen durch seine spitze Fuchsschnauze, hat einen langen stark behaarten Schwanz, ist in Madagaskar einheimisch und lebt gesellig auf Bäumen; er hat eine große Gewandtheit, ist sanft und läßt sich daher leicht zähmen.

### Segundo período

Leipzig 1907?, p. 15-16

Die **Blaustirnamazone**, Psittacus aestivus. Grün. Federn der Oberseite mit dunklen Säumen geziert; Stirnrand blau; Oberkopf, Backen und Kehle gelb; Flügelbug und Spiegel scharlachrot. Schnabel schwärzlich-braun. Ihre Heimat ist Paraguay bis zum Amazonas. Wird viel gezähmt und häufig zu uns gebracht.

Der **Sultanshuhu**, Porphyrio hyacinthinus, gehört zu den Stelzvögeln, nicht wie man aus dem schlecht gewählten Namen schließen könnte, zu den Hühnern. Es hat die Größe eines kleinen Haushuhnes: Kopf, Brust und Bauch sind tiefblau, die Oberseite blaugrün mit Metallglanz, Schnabel und Füße rot. Es hat die eigentümliche Gewohnheit, daß es größere Stücke, die es verzehren will, mit den Zehen zum Schnabel führt und Stücke von denselben abreißt. – Südeuropa.

p. 18

Der **Haubenheherling**, Garrulax leucolophus. Ein drosselgroßer Vogel, in der Hauptsache olivenbraun, Kopf und Haube schneeweiß. Sein kräftiger und wohl lautender Gesang lenkt schnell die Aufmerksamkeit auf ihn. Der Himalaya ist die Heimat dieses seltenen Vogels.

### Terceiro período

Leipzig 1963, p. 39

#### 14. Seelöwenbecken

Hier haben wir Gelegenheit, die aus dem Westen Nordamerikas stammenden **Seelöwen** bei ihren Schwimm- und Tauchkünsten zu beobachten. Mit pfeilartiger Schnelligkeit durchheilen sie die Flut, verstehen blitzartige Wendungen auszuführen und erfreuen die Besucher besonders, wenn sie laut klatschend von der hohen Plattform des Felsens ins Wasser springen. Diese Schnelligkeit und Gewandtheit brauchen die Flossenfüßer, um die nicht weniger schnellen und wendigen Fische, die ihnen ausschließlich zur Nahrung dienen, zu jagen und zu fangen. Wenn wir uns die Seelöwen näher ansehen, werden wir feststellen, daß bei ihnen als äußeres Ohr ein kleiner Zipfel erkennbar ist und daß sie die zu Flossen umgewandelten Hinterbeine nach vorn umlegen und so als

Fortbewegungsorgane benutzen können. Ganz anders wie diese Ohrenrobben, nämlich die Seelöwen, Seebären und Mähnenrobben, sind die Echten Robben organisiert, denn ihnen fehlt ein äußeres Ohr und ihre Hinterbeine stehen starr nach hinten, so daß ihre Fortbewegung durch raupenartiges Kriechen erfolgt. Charaktertiere dieser Gruppe sind der Seehund, die Kegel- und Ringelrobbe sowie die gewaltigen See-Elefanten und ihre Verwandten.

Berlin 1987, p. 31-32

Stammesgeschichtlich am weitesten vom Menschen entfernt ist der **Orang-Utan**. Seine Heimat sind die Urwälder von Borneo und Sumatra. Der verhältnismäßig kleine Daumen, die langen Arme, die langgestreckten Finger- und Zehnglieder verraten auf den ersten Blick, daß sich diese langhaarigen, rotbraunen Gesellen im Freiland ausschließlich auf Bäumen bewegen. Auch sie leben von Pflanzen, vor allem von gewissen saftigen Früchten. Erwachsene Männer sind sehr eindrucksvolle Tiergestalten, deren Gesicht mit Bart, Backenwülsten und Kehlsack fremdartig anmutet. Leider ist der Bestand dieses Tieres stark bedroht: Waldrodungen sind daran ebenso schuld wie die unmittelbare Verfolgung durch den Menschen. Noch bis vor wenigen Jahren erbeutete man junge Orang-Utans dadurch, daß man ihre Mütter erschöß.

Von sechs Babys, die auf diese Weise in den Besitz des Menschen gerieten, starben etwa fünf bei der Eingewöhnung in Indonesien bzw. auf dem Transport. Da ein solcher Raubbau nicht länger zu verantworten war, verpflichteten sich zahlreiche Zoologische Gärten in der ganzen Welt, keine ungesetzlich aus ihrer Heimat geschmuggelten Orang-Utans mehr zu kaufen und so den Wilderern das Handwerk zu legen. Dieser Beschluß hat zwar durchaus erfreuliche Folgen gehabt, doch darf er nicht darüber hinwegtäuschen, daß es schon in naher Zukunft wohl keine Orang-Utans mehr in freier Wildbahn geben wird. Zoogeburten und gelungene Aufzuchten mehren sich in erfreulichem Maße, doch ist es noch nicht gewiß, ob dieses schöne Tier auf die Dauer in der Obhut des Menschen erhalten bleibt. Auf seine Zuchterfolge kann der Berliner Zoo stolz sein. Die Tradition begann mit dem ersten in Gefangenschaft gezeugten und geborenen Baby, welches CLEO 1928 zur Welt brachte. Von den 13 Tieren, die wir im Augenblick pflegen, sind die meisten in Menschenobhut zur Welt gekommen. Aus Borneo stammt der Wildfang BELLA (geboren 1956). Dieser Unterart gehören an SARI (1970), KAJAN (1970), PENDEK (1978) und RAWIT (1980). TARZAN, geboren 1949, und BABU (geboren 1952) wurden in den Wäldern von Sumatra gefangen. Weitere „Sumatraner“, die hier zur Welt kamen, sind DJONGOS (1968), SINJO (1969) und BINI (1980), während MANO 1977 in Rotterdam geboren wurde. SUMBO (1983) und KATAI (1985) sind unterartliche Mischlinge.

Berlin 1975, p. 25-26

Das Affenhaus grenzt an das Menschenaffenhaus an. Hier befinden sich, zumeist in Zuchtgruppen, zahlreiche Affen der Alten und Neuen Welt sowie mehrere Halbaffen. Das Hauptverbreitungsgebiet der Halbaffen ist Madagaskar. Von dort stammen nicht nur die bereits erwähnten Kattas, sondern auch die **Mongoz-Makis** und die sehr selten gezeigten **Varis**, die sich nicht nur durch ihre Größe, sondern auch durch das dichte, wollige Fell von den übrigen stark unterscheiden. Varis sind zu verblüffenden Lautäußerungen fähig. Man vernimmt sie meistens dann, wenn sich die Tiere gestört fühlen. Der Berliner Zoo war der erste, dem die Zucht des selten eingeführten **Mayotte-Makis** gelang. Dieser Halbaffe ist auf einer der Komoren-Inseln beheimatet, die zwischen Madagaskar und dem afrikanischen Kontinent liegen. Aus Afrika stammen **Vollbart-, Weißkehl- und Eulenkopfmeerkatzen, Mandrill und Drill** sowie die **Weißschwanz-Guerezas**. Die Guerezas gehören zweifellos zu den schönsten Affen überhaupt. Bis auf den Kopf, die wehenden weißen Schulterhaare und den langen, buschigen Schwanz sind die tiefschwarz gefärbt. Die Jungen allerdings kommen schneeweiß zur Welt und färben sich erst mit einigen Monaten um. Guerezas sind ebenso wie die kostbaren **Nasenaffen** aus Borneo recht anspruchsvolle Kostgänger. Im Freiland ernähren sie sich fast ausschließlich von Laub, das wir ihnen in den Wintermonaten nur deshalb in ausreichender Menge bieten können, weil wir frische Blätter im Sommer in der Tiefkühltruhe einfrieren. Dieses Futter bekommt ihnen so gut, daß sich beide Arten regelmäßig bei uns fortpflanzen. Besondere Beachtung verdienen die **Bartaffen** oder Wanderus aus Indien. Durch das Abholzen der Wälder und das Anpflanzen von Eukalyptusbäumen sind ihnen in vielen Gebieten ihrer Heimat die Lebensmöglichkeiten genommen. Zum Glück züchten sie bei uns so gut und regelmäßig, daß mit Tieren, die in Berlin zur Welt kamen, schon mehrere Zuchtgruppen in anderen Zoos aufgebaut werden konnten. Die Affen Südamerikas sind bei uns zur Zeit nur in wenigen Arten (**Totenkopffäffchen, Kapuziner**) vertreten. Das wird sich ändern, sobald das **Tropenhaus** fertiggestellt ist. Dieser Neubau, der sich an das Affenhaus anschließt, wird eine Fülle von kleinen und mittelgroßen baumbewohnenden Säugetieren der tropischen Wälder beherbergen, zu denen nicht nur Affen, sondern auch Nagetiere und Insektenfresser zählen. Mit der Eröffnung dieses Hauses rechnen wir 1976.

Agradecemos a colaboração de Edgar Baumgärtner pelas referências e pela preparação das imagens e a Valéria Gomes, uma quase coautora do texto na sua língua. Assumimos a responsabilidade de todas as falhas restantes.